

SETOR DE SERVIÇOS PUXA A ECONOMIA QUE AINDA CRESCE EM RITMO LENTO

Economia cresce menos que o esperado em 2018

Em 2018, o PIB brasileiro apresentou crescimento de 1,1% em relação a 2017, confirmado a tendência positiva observada desde meados do ano passado. Contudo, o crescimento ficou aquém do esperado no início de 2018, quando se projetava que a expansão econômica do país poderia ficar próxima a 2%. Em parte, o resultado ruim foi consequência da paralisação dos caminhoneiros ocorrida em maio e junho de 2018, que restringiu a atividade econômica de vários setores – da agropecuária ao turismo.

Entre os setores de atividade econômica, o comércio, os serviços privados não financeiros e a indústria de transformação foram os segmentos com maior crescimento em 2018, com expansões de respectivamente 2,3%, 1,7% e 1,3%. A construção civil apresentou retração de 2,5% no ano. Com isso, a queda acumulada do PIB da construção desde 2013 ficou em 27,7%.

Entre os segmentos que compõem os serviços privados não financeiros, os desempenhos mais positivos foram observados nos serviços prestados às famílias e empresas, nos serviços de

T.1 PIB por setor de atividade, R\$ Bilhões*

Setores de atividade	R\$ bilhões		var. (%)
	2017	2018	
Agropecuária	318,811	319,138	0,1%
Extrativa Mineral	163,773	165,352	1,0%
Indústria de Transformação	639,400	648,003	1,3%
Construção	262,324	255,686	-2,5%
Comércio	745,049	761,947	2,3%
Financeiro	413,780	415,267	0,4%
Serviços públicos	996,136	998,482	0,2%
Serviços privados não financeiros	2.188,077	2.225,410	1,7%
PIB a custo de fatores	5.727,350	5.789,286	1,1%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do II trimestre de 2018.

T.2 Demanda agregada, R\$ Bilhões*

Componentes de demanda	R\$ bilhões		var. (%)
	2017	2018	
Consumo	4.290,767	4.372,143	1,9%
Gastos do governo	1.321,439	1.321,676	0,0%
Investimento	1.037,613	1.068,659	3,0%
Formação Bruta de Capital Fixo	1.030,772	1.073,351	4,1%
Varição de estoques	6,841	-4,692	-168,6%
Exportação	941,328	979,494	4,1%
Importação	888,476	963,951	8,5%
PIB a preços de mercado	6.702,671	6.778,022	1,1%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do II trimestre de 2018.

energia, saneamento e gás e nos serviços de transportes, com crescimentos de PIB de 3,1%, 2,3% e 2,2%, respectivamente. O PIB dos serviços de informação, devido à evolução desfavorável do segmento de telecomunicações, teve expansão de apenas 0,3% em 2018.

A formação bruta de capital fixo apresentou crescimento de 4,1% em 2018. Como houve redução de estoques no final de 2018, em razão da evolução menos favorável da produção, o aumento nos investimentos como um todo foi menor (3,0%) que o da formação bruta de capital. O consumo das famílias cresceu 1,9% e o do governo, ficou estagnado.

Comércio exterior de bens e serviços se retrai em 2019

O balanço das transações de mercadorias do Brasil com o resto do mundo alcançou saldo positivo de USD 10,854 bilhões no primeiro trimestre de 2019. Isso indica uma queda de 9,7% em relação a igual período de 2018, quando se acumulou um saldo positivo de R\$ 11,970 bilhões. Esse desempenho resultou da queda de 2,5% das exportações, que passaram de USD 54,372 bilhões no primeiro trimestre de 2018 para USD 52,992 bilhões no primeiro trimestre de 2019, e da redução de 0,6% das importações, que passaram de USD 42,404 bilhões no primeiro trimestre do ano passado para USD 42,138 bilhões nos três primeiros meses deste ano.

Fonte: BACEN. (1) Royalties e aluguel de equipamentos (2) Serviços culturais, pessoais e recreativos e demais serviços.

T.3 Serviços privados não financeiros, R\$ Bilhões*

Abertura de serviços	R\$ bilhões		var. (%)
	2017	2018	
Energia, saneamento e gás	155,166	158,661	2,3%
Transportes e logística	245,491	250,809	2,2%
Serviços de informação	184,338	184,950	0,3%
Prestados às famílias e empresas	556,199	573,458	3,1%
Serviços imobiliários	1.046,883	1.057,533	1,0%
Total	2.188,077	2.225,410	1,7%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do II trimestre de 2018.

T.4 Balança de serviços, USD Milhões

Contas	USD Milhões		var. (%)
	2018	2019	
Transportes	-1.104,27	-974,52	-11,8%
Receitas	856,87	847,81	-1,1%
Despesas	1.961,15	1.822,32	-7,1%
Viagens	-2.017,19	-1.746,66	-13,4%
Receitas	1.390,22	1.244,72	-10,5%
Despesas	3.407,41	2.991,38	-12,2%
Seguros e serviços financeiros	-63,55	47,22	-174,3%
Receitas	281,11	294,64	4,8%
Despesas	344,67	247,42	-28,2%
Serviços prestados a empresas ¹	-2.005,77	-1.798,47	-10,3%
Receitas	3.462,14	3.236,68	-6,5%
Despesas	5.467,91	5.035,15	-7,9%
Serviços governamentais	-192,54	-109,76	-43,0%
Receitas	114,27	113,78	-0,4%
Despesas	306,80	223,54	-27,1%
Ourtos serviços ²	-32,87	-31,17	-5,2%
Receitas	125,08	112,74	-9,9%
Despesas	157,95	143,91	-8,9%
Total	-5.416,19	-4.613,35	-14,8%
Receitas	6.229,69	5.850,36	-6,1%
Despesas	11.645,89	10.463,71	-10,2%

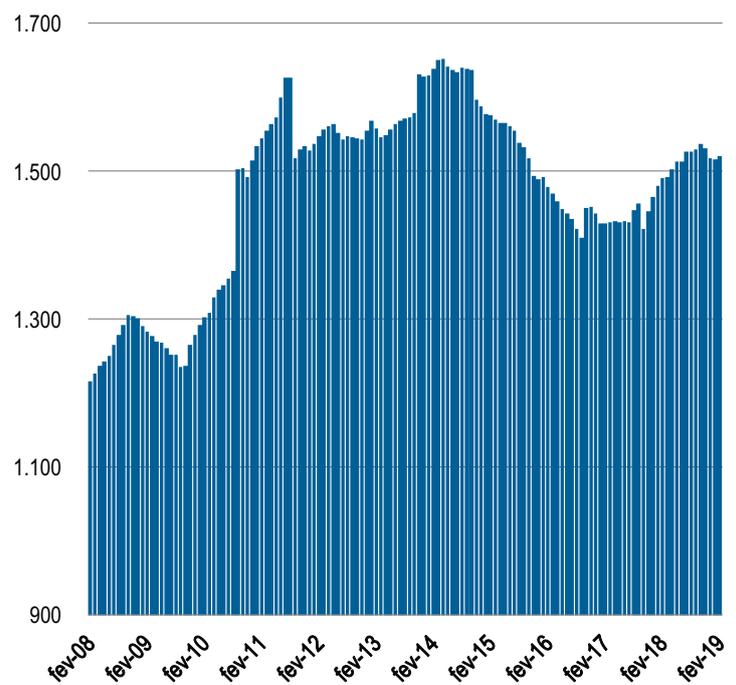
A situação da balança de serviços, ao contrário, apresentou pequena melhora em 2019. No acumulado de janeiro e fevereiro de 2019, o déficit da balança de serviços foi de USD 4,613 bilhões, montante 14,8% menor que os USD 5,416 bilhões de déficit registrados em igual período do ano anterior.

Em 2019, houve queda de USD 1,182 bilhão nas despesas dos brasileiros com serviços prestados no exterior e houve retração das receitas brasileiras com exportações de serviços a estrangeiros (USD 379 milhões a menos), as quais passaram de USD 6,230 bilhões nos primeiros dois meses de 2018 para USD 5,850 bilhões de janeiro a fevereiro de 2019.

Os itens que mais contribuíram para a queda das despesas dos brasileiros no exterior foram os gastos com serviços prestados às empresas, cuja redução foi de USD 433 milhões entre 2018 e 2019 (acumulado até fevereiro), as despesas com viagens, com retração de USD 416 milhões, e os gastos com serviços de transportes, cuja redução foi de USD 139 milhões. Esses dados refletem, de um lado, a elevação do dólar no final de 2018 e início de 2019, e a redução da corrente de comércio de mercadorias.

No que diz respeito aos serviços prestados as empresas, o que mais pesou na redução das despesas dos brasileiros foram os gastos com aluguéis de máquinas e equipamentos, que caíram USD 611 milhões na comparação entre os dois primeiros meses de 2018 e 2019. Nesse item, pesou decisivamente a redução da frota aérea brasileira devido à crise em algumas empresas do setor. De outro lado, houve avanço das despesas com serviços de propriedade intelectual, que registrou elevação de despesas de USD 274 milhões.

G.1 Arrecadação tributária federal em R\$ bilhões*, acumulada em 12 meses



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional e IBGE. (*) a preços do II trimestre de 2018.

Desempenho das receitas é ruim no início de 2019

O resultado primário do Governo Central alcançou um déficit acumulado em 12 meses de cerca de R\$ 120 bilhões em janeiro de 2019. O resultado é ruim, mas bastante superior ao verificado em janeiro de 2017, quando o resultado primário do Governo Central era de um déficit acumulado em 12 meses de aproximadamente R\$ 170 bilhões, indicando uma recuperação de R\$ 48 bilhões nos últimos 24 meses.

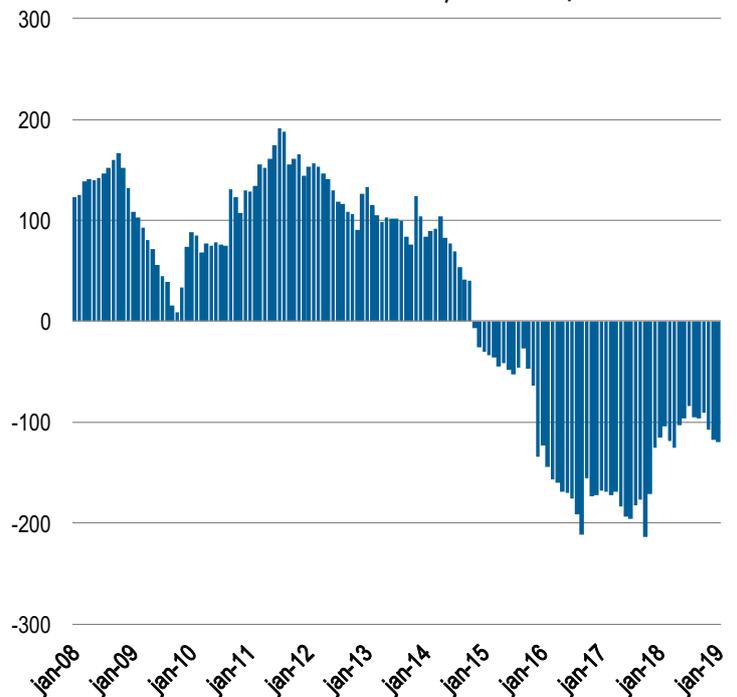
Esse resultado refletiu o avanço das receitas e a retração das despesas. Em 2019, até fevereiro, houve aumento real de 1,2% das receitas totais do Governo Central em relação a igual período de 2018. Em igual comparação, houve retração de 0,1% das

despesas totais. Entre as receitas, destacou-se a arrecadação do Regime Geral de Previdência Social (RGPS), cuja expansão foi de 5,2% em termos reais. As receitas administradas pela Receita Federal caíram 0,7% em termos reais nos dois primeiros meses do ano. A arrecadação de Imposto de Importação cresceu 10,9%, mas as de Imposto sobre a Produção Industrial, COFINS e PIS caíram respectivamente 14,2%, 11,4% e 8,3% no acumulado de 2019 até fevereiro.

A evolução das despesas, contudo, ainda desperta preocupações. Houve aumento real das despesas com Benefícios Previdenciários (1,9%). As outras despesas obrigatórias caíram 2,3% em termos reais. No final do mandato do presidente Temer houve aumento das despesas de investimento: os desembolsos do Programa de Aceleração do Crescimento apresentaram expansão de 7,0%, sendo que as despesas com o Programa Minha Casa Minha Vida cresceram 56,8%. Mas no início do governo Bolsonaro, essa tendência foi revertida. O crescimento das despesas discricionárias, onde estão as verbas de investimento público, caiu do patamar de 6,8% em 2018 para 2,0% ao ano nos primeiros meses de 2019.

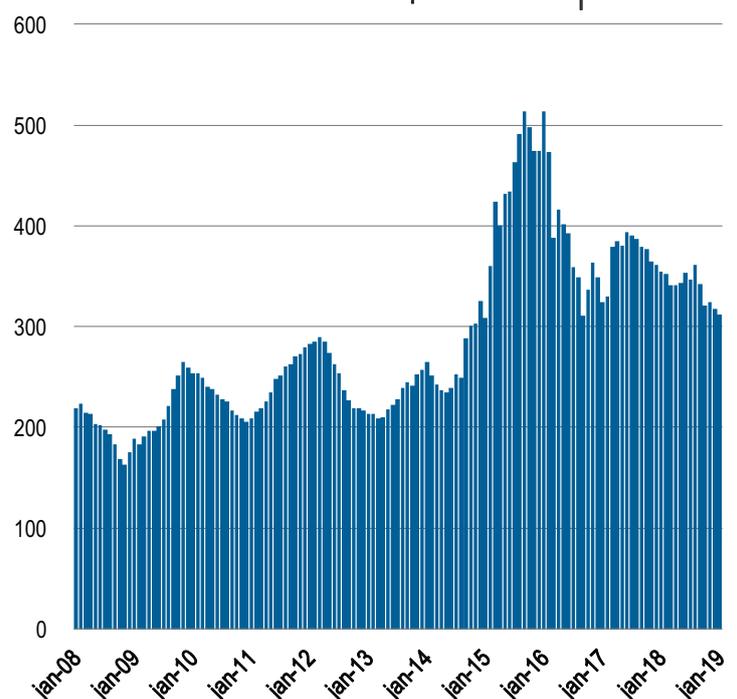
Com as taxas de juros em patamares bem menores que os verificados em 2016 e 2017, caiu o ritmo de crescimento do custo de financiamento da dívida pública. As despesas acumuladas em 12 meses com juros da dívida pública passaram de R\$ 354,5 bilhões em janeiro de 2018 para R\$ 311,4 bilhões em janeiro deste ano, indicando redução de R\$ 43,1 bilhões em termos reais nesses 12 meses.

G.2 Resultado primário acumulado em 12 meses, em R\$ bilhões



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

G.3 Custo da dívida pública federal em R\$ bilhões por ano



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

Inflação salta do patamar de 2,5 para 4,0% ao ano

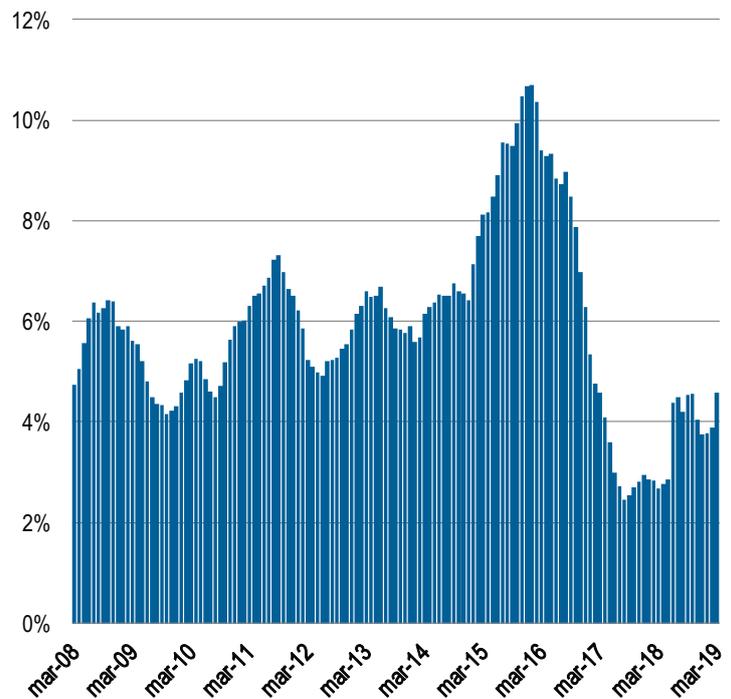
Com a pressão sobre os preços dos serviços, a taxa de inflação acelerou em 2018, saltando do patamar de 2,5% ao ano para o de 4,0% ao ano. No início de 2019, a inflação sofreu novo avanço, alcançando variação acumulada em 12 meses de 4,6% em março. No acumulado do ano, os preços ao consumidor já cresceram 4,0% em relação ao primeiro trimestre de 2018. Ainda assim, essa é uma taxa reduzida considerando os níveis de inflação observados no país nos últimos 15 anos.

Nessa comparação temporal, o que mais pressionou o custo de vida dos consumidores foi o comportamento das despesas com serviços de saúde, que cresceram 8,7% no acumulado de 2019 até março, de habitação, com elevação de 6,0%, e de educação, com aumento de 5,0%. As despesas com habitação foram pressionadas pela conta de luz, que ficou 14,7% mais cara, e pelo aumento de 15,5% no gás encanado. As despesas com transportes registraram aumento de pequeno, de 2,5%.

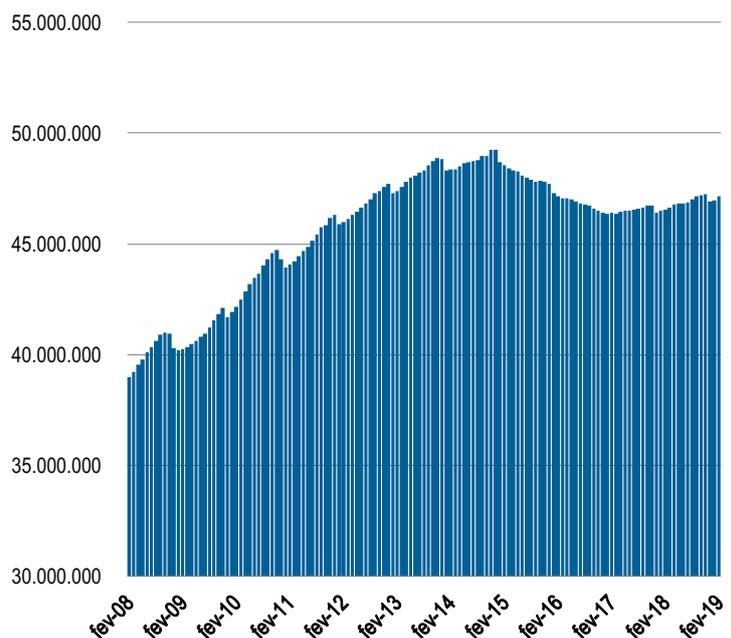
O fator mais preocupante, contudo, foi a evolução das despesas com alimentação e bebidas, que cresceram 5,4% nos primeiros três meses do ano, com maior expansão dos custos com alimentação no domicílio (6,5%). Cereais, leguminosas e oleaginosas tiveram aumento de 22,2%, hortaliças e verduras ficaram 19,1% mais caras e as frutas sofreram aumento de 17,2% no acumulado de 2019 até março. Também foi elevada a pressão nos preços de leite e derivados, com aumento acumulado em 2019 de 7,8%.

O IGP-DI também registrou aceleração da inflação. No acumulado de 2018, a variação do IGP-DI foi de 5,8%. No acumulado dos

G.4 Taxa de variação do IPCA em 12 meses, (%)



G.5 Emprego com carteira assinada em todos os setores de atividade econômica



primeiros três meses de 2019, essa variação saltou para 7,5%, indicando tendência de alta.

Emprego por setor

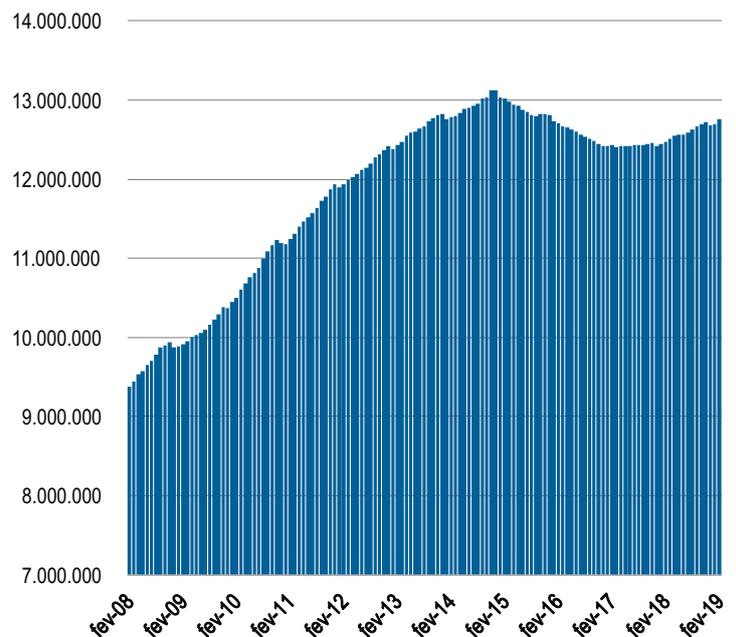
O emprego com carteira assinada continuou crescendo ao longo de 2018 e início de 2019. No acumulado de 2018, o estoque de carteiras de trabalho assinadas cresceu 0,7% em relação a 2017. No segmento de serviços privados não financeiros, o crescimento foi maior: 1,3%. Assim, foram criados 348,3 mil novos postos de trabalho no ano passado, sendo 161,7 mil nos setores de serviços privados não financeiros. Isso representou 46,4% do total de empregos criados em 2018.

No início deste ano, o emprego continuou crescendo. Os dados do primeiro bimestre indicam expansão de 1,1% em relação a 2018, com abertura de 524,4 mil postos de trabalho. Os serviços privados não financeiros cresceram 2,1% no acumulado do primeiro bimestre e houve a abertura de 265,6 mil novas vagas nesses setores (50,6% do total de vagas criadas no país).

O comércio também registrou aumento de emprego em 2019: 1,2% em relação aos dois primeiros meses de 2018, com abertura de quase 106 mil postos de trabalho. Contudo, houve quedas acumuladas no ano nos segmentos de indústria de transformação (-0,1%) e da agropecuária (-0,4%). Após vários anos de quedas consecutivas, o emprego na construção civil cresceu. No acumulado do ano, a expansão foi de 0,8% com a abertura de 16,7 mil vagas em relação ao mesmo período de 2018.

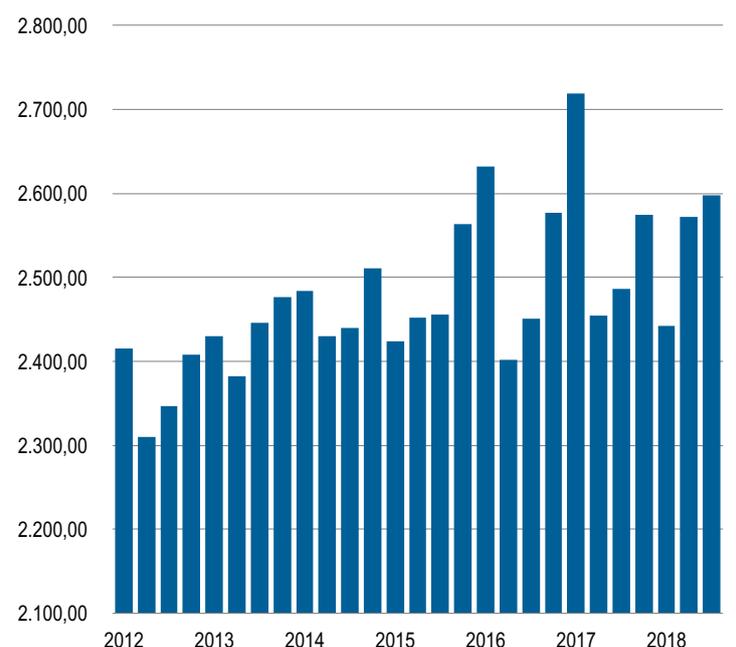
Os segmentos de educação e de saúde continuaram liderando o ranking de abertura de postos de trabalhos. No acumulado do ano até fevereiro, o setor educacional regis-

G.6 Emprego com carteira assinada nos serviços privados não financeiros



Fonte: CNS

G.7 Evolução da remuneração real nos serviços, em R\$ por mês



Fonte: IBGE.

trou a abertura de 27,7 mil novas vagas e o de saúde teve a impressionante expansão de 103 mil novas vagas. Desde dezembro de 2013, o segmento educacional já abriu 154,5 mil novas vagas e o de saúde, 369 mil novos postos de trabalho com carteira assinada.

Os serviços privados não financeiros observaram a abertura de 265,6 mil novos postos de trabalho no acumulado de 2019. O segmento de serviços prestados às empresas foi responsável pela abertura de 186,5 mil novos postos de trabalho com carteira assinada no acumulado do ano. Nos últimos doze meses, o setor de tecnologia da informação abriu quase 29 mil vagas.

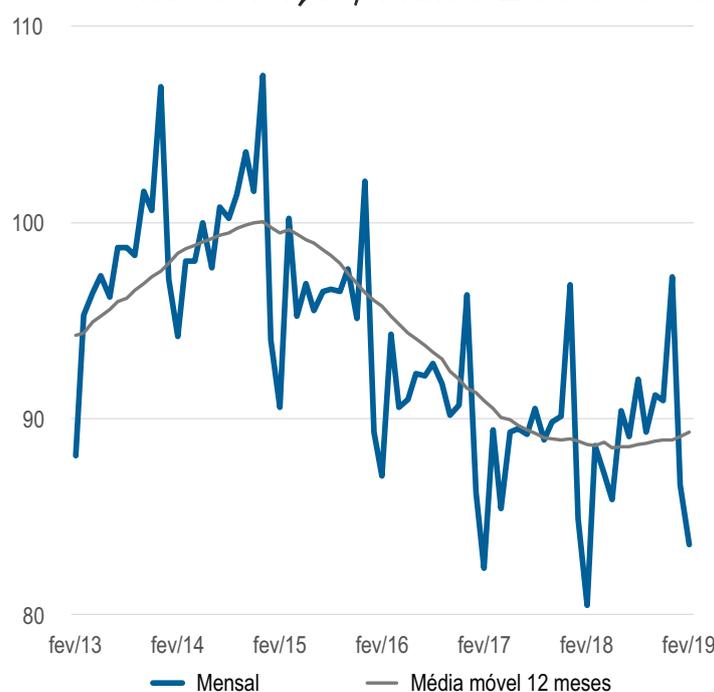
Ocupação e desocupação

O total de pessoas ocupadas no Brasil alcançou a cifra de 91,2 milhões no trimestre que vai de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE. Isso indica um aumento de 1,1% em relação ao período de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018. Nessa pesquisa, além dos empregados com carteira assinada, são investigados os empregados sem carteira, as pessoas ocupadas por conta própria, os funcionários públicos estatutários e os empresários.

Segunda a mesma pesquisa, a remuneração média do trabalho teve ligeiro crescimento nos últimos 12 meses, com elevação de 0,8% em termos reais. Com isso, a massa de rendimentos do trabalho apresentou expansão de 1,9%, taxa equivalente à da expansão do consumo das famílias em 2018.

A despeito do aumento do emprego, o desemprego continua bastante elevado. No

G.8 Evolução do faturamento nos serviços, índice 2014=100



Fonte: IBGE.

trimestre de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, 12,4% da força de trabalho estava desocupada segundo o IBGE. A taxa foi apenas 0,2% inferior à verificada 12 meses antes. A maior taxa de desemprego registrada no país foi de 13,7% no primeiro trimestre de 2017.

Faturamento no setor de serviços

No acumulado do ano até fevereiro de 2019, o faturamento real dos serviços acumulou variação de 2,6% com relação a 2018. Na comparação entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2018, o aumento foi de 3,9%. Isso indica que as vendas no setor de serviços têm elevado seu ritmo de expansão em 2019, ao contrário da tendência de desempenho fraco na indústria e na agropecuária.

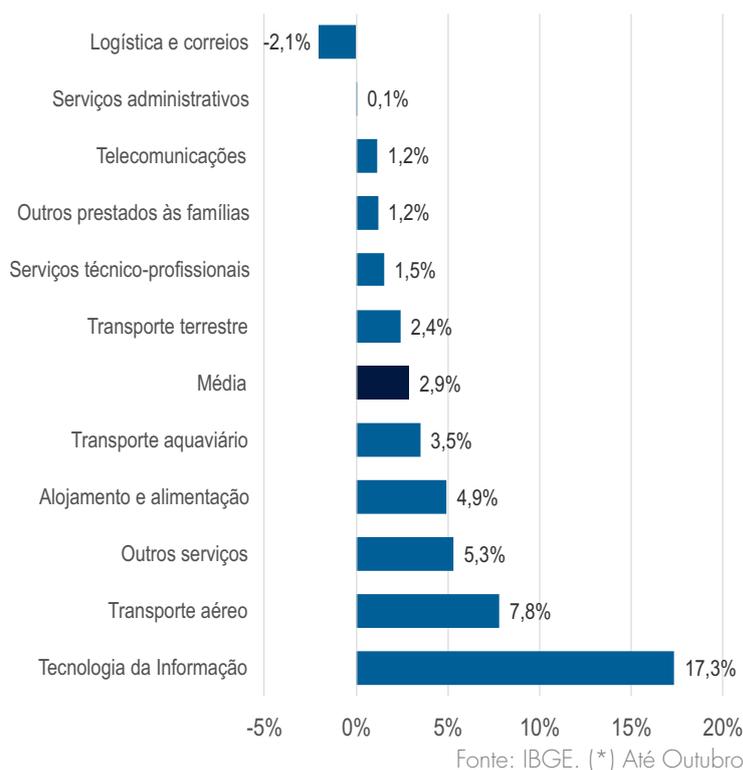
Para esse resultado acumulado em 2019 pesaram os desempenhos bons nos segmentos de outros serviços (elevação de 5,6%) e serviços de informação e comunicação (aumento de 4,8%). Os serviços de tecnologia da informação foram os que apresentaram a melhor performance com expansão das vendas reais de 6,0% no acumulado do ano até fevereiro de 2019.

Os serviços prestados às famílias apresentaram expansão também excepcional: 4,4%. Esse desempenho foi puxado pelo segmento de serviços e alojamento e alimentação, impulsionados pelo movimento de férias de verão. Como dito na seção de balança de serviços, 2019 marcou uma queda expressiva das viagens internacionais de brasileiros, que substituíram os destinos estrangeiros por nacionais.

Em termos regionais, os estados do Norte apresentaram desempenhos ruins, com fortes retrações do faturamento em termos reais no acumulado do ano até fevereiro de 2019 no Acre e Amapá (-15,1%, -12,5%, respectivamente). No Nordeste, quatro estados apresentaram quedas: Ceará (-4,9%), Piauí (-3,6%), Paraíba (-2,7%) e Alagoas (-1,6%).

No Sudeste, por outro lado, houve expansão. O faturamento real dos serviços privados não financeiros no estado de São Paulo apresentou crescimento de 6,4% no acumulado do ano até fevereiro de 2019 com relação a igual período do ano anterior. Em Minas Gerais, a expansão foi de 3,3%. Os desempenhos dos setores de TI e de turismo impulsionaram os serviços em Santa Catarina, que cresceu 3,3% em termos reais.

G.9 Faturamento nos serviços, % acumulada em 2018*, por segmento



Cenário para 2019

Como foi apontado na edição de dezembro de 2017 do Boletim de Conjuntura da CNS, desde meados do ano passado a economia brasileira voltou a crescer. No início de 2018, esperava-se um crescimento de 2,1% do PIB brasileiro. Contudo, o ritmo foi menor, pois houve o prejuízo da paralisação dos caminhoneiros, que comprometeu o patamar de expansão em 2018. Com a divulgação do resultado do quarto trimestre, o crescimento de 2018 ficou em 1,1%.

Para 2019, o cenário econômico é um pouco mais positivo, mas ainda enseja grandes incertezas. A

seguir são elencados os principais aspectos do cenário para 2019 que indicam uma perspectiva de crescimento econômico ligeiramente maior:

Inflação: projeta-se uma inflação de 4% a 5% para 2019, com maiores pressões nos preços de alimentos;

Juros: a inflação relativamente controlada e o ambiente de desemprego elevado possibilitaram a redução das taxas de juros em 2018, que devem permanecer no patamar de 7% em 2019;

Crédito: o contínuo processo de ajuste das contas públicas e a redução das taxas de juros elevaram a atratividade de empréstimos para o setor privado que deve acomodar um crescimento de R\$ 120 bilhões do saldo real de empréstimos, sendo R\$ 18 bilhões para pessoas jurídicas e R\$ 102 para pessoas físicas (incluindo imóveis);

Renda das famílias: os contínuos processos de recuperação do emprego formal e de aumento da produtividade devem possibilitar um incremento da renda do trabalho entre 2,5% e 3,0% em 2019, o que terá impacto positivo sobre o consumo e arrecadação de impostos;

Câmbio: a taxa de câmbio deve flutuar em torno de R\$/USD 3,90, o que implica uma valorização real da moeda brasileira com redução da competitividade externa do país e da renda das exportações do agronegócio;

Crescimento mundial: espera-se uma taxa de crescimento de 3,3% em 2019, menor que os 3,9% registrados em 2018 em razão de maiores dificuldades na economia norte-americana, principalmente.

Essas condições apontam para uma expansão de 2,5% do PIB em 2019. Nesse contexto, o consu-

mo das famílias deve crescer 3,1% em termos reais e os investimentos (incluindo a formação de estoques) deve se expandir 10,3%. O saldo das transações com o exterior deve ser menor devido à redução da produção de bens minerais. Ainda assim, as importações de mercadorias e serviços devem crescer menos, favorecendo a produção nacional, seja do setor industrial, seja dos serviços.

Entre os setores de atividade econômica, vale destacar as perspectivas positivas dos serviços privados não financeiros, cujo PIB deve crescer 1,8% em 2019. Os destaques serão os serviços prestados às famílias e às empresas, fortemente favorecidos pela expansão da renda do trabalho e da própria atividade econômica dos demais setores da economia. Para esses segmentos espera-se taxa de crescimento de 2,4% em 2019.

O cenário de maior crescimento econômico e inflação relativamente reduzida, com redução gradativa do desemprego, contribuiria para um cenário político também positivo no início do governo. Isso pesaria a favor das reformas mais profundas, necessárias para a estabilidade no longo prazo, as quais dependem de um clima político mais otimista. Essa perspectiva mais equilibrada se refletiu no grau de otimismo do mercado e propiciou uma valorização dos ativos em bolsa ao final de 2018 e no início de 2019. Não obstante, a sequência de crises políticas ocorridas no início na atual gestão e as dificuldades de articulação entre o executivo e o legislativo dificultam a concretização a curto prazo de um cenário político estável. Isso acentua incertezas e provoca flutuações fortes nas expectativas, com reflexos sobre o nível de confiança de investidores e consumidores e, conseqüentemente, impedem recuperações mais expressivas e rápidas dos investimentos e do consumo.

T.5 PIB por setor de atividade e componente de demanda, R\$ Bilhões*

Setores de atividade	Em R\$ milhões			Variação anual	
	2017	2018	2019 ^p	2018	2019 ^p
Agropecuária	318,81	319,14	327,12	0,1%	2,5%
Extrativa Mineral	163,77	165,35	165,02	1,0%	-0,2%
Indústria de Transformação	639,40	648,00	649,95	1,3%	0,3%
Construção	262,32	255,69	257,48	-2,5%	0,7%
Comércio	745,05	761,95	792,42	2,3%	4,0%
Financeiro	413,78	415,27	422,74	0,4%	1,8%
Serviços públicos	996,14	998,48	1.003,47	0,2%	0,5%
Serviços privados não financeiros	2.188,08	2.225,41	2.266,58	1,7%	1,8%
PIB a custo de fatores	5.727,35	5.789,29	5.884,78	1,1%	1,6%
Energia, saneamento e gás	155,17	158,66	161,99	2,3%	2,1%
Transportes e logística	245,49	250,81	257,83	2,2%	2,8%
Serviços de informação	184,34	184,95	191,42	0,3%	3,5%
Prestados às famílias e empresas	556,20	573,46	587,22	3,1%	2,4%
Serviços imobiliários	1.046,88	1.057,53	1.068,11	1,0%	1,0%
Total	2.188,08	2.225,41	2.266,58	1,7%	1,8%
Consumo	4.290,77	4.372,14	4.485,82	1,9%	2,6%
Gastos do governo	1.321,44	1.321,68	1.328,28	0,0%	0,5%
Investimento*	1.037,61	1.068,66	1.008,73	3,0%	-5,6%
Exportação	941,33	979,49	1.003,98	4,1%	2,5%
Importação	888,48	963,95	930,21	8,5%	-3,5%
PIB a preços de mercado	6.702,67	6.778,02	6.896,60	1,1%	1,7%

Fonte: IBGE. (*) Valores a preços do II trimestre de 2018.